

CARACTERIZAÇÃO DAS CENAS DE AGRESSÃO NOS SÍTIOS COM GRAFISMOS RUPESTRES NA ÁREA ARQUEOLÓGICA SERRA DA CAPIVARA – PI

Dayse Oliveira de Carvalho¹; Daniela Cisneiros Silva Mützenberg²

¹Estudante do Curso de Arqueologia - CFCH – UFPE; E-mail: dayse_carvalho1@hotmail.com,

²Docente/pesquisador do Depto de Arqueologia – CFCH – UFPE. E-mail: danielacisneiros@yahoo.com.

Sumário: As primeiras pesquisas arqueológicas na área do Parque Nacional Serra da Capivara, sudeste do Piauí, iniciaram ainda na década de 1970 com o objetivo de contextualizar os sítios com grafismos rupestres. As pesquisas resultaram em um ordenamento prévio hipotético para um reconhecimento das identidades culturais e cronológicas. A definição da classificação de Tradição parte das semelhanças tipológicas que são encontradas entre os grafismos. Nas pesquisas, os grafismos rupestres são considerados como um meio de comunicação, no qual, seguem um código pré-estabelecido. A pesquisa tem por objetivo a identificação de padrões gráficos presentes nas cenas de agressão, e como objetivo específico a identificação de elementos reconhecíveis, como antropomorfos, objetos de uso, e atributos culturais. A metodologia contou com levantamentos documentais, bibliográficos, imagéticos, tratamento das imagens e suas análises.

Palavras-chave: agressão; pintura rupestre; Serra da Capivara

INTRODUÇÃO

Os estudos comportamentais sobre a agressão abrangem diferentes áreas do conhecimento, tais como as ciências biológicas, sociais e psicológicas para explicar o fenômeno por processos metabólicos, biológicos e cognitivos, processos históricos ou evolutivos em uma perspectiva social. Lorenz (1974) apresenta a agressão como um mecanismo de equilíbrio, que, mesmo em indivíduos congêneres, está voltada para a preservação da espécie, atuando através de estímulos. Moser (1991) considera que a agressão um comportamento próprio de cada indivíduo, que pode ser compreendida como uma interação hostil entre um agressor e uma vítima. A corrente cognitiva argumenta que o comportamento torna-se agressão a partir da perspectiva do observador. Embora os conceitos de agressão e violência estejam ligados por sua semelhança, possuem características diferentes, no qual a violência pode ser compreendida como uso excessivo da força, enquanto a agressão visa dano ao físico ao outro. Nas sociedades primitivas, os conflitos assumiam um papel de fator social na existência e dinâmica social do grupo, no qual os vencedores garantiam o uso territorial, garantir o funcionamento econômico e influir na organização social. Fernandes (1970) percebeu que em grupos Tupinambás a hostilidade era também para grupos com o conjunto cultural semelhante, sendo o conflito mais frequente em grupos que ocupam áreas próximas. Clastres (1977) atribui a pouca menção etnográficas ao caráter contra violência dos grupos, que buscaram codificar e ritualizar a agressão. Os ritos agressivos atuavam como laço entre os membros do grupo e um domínio da agressão, no qual, esses dois fatores contribuíam para a diminuição dos conflitos intragrupal. Nos registros arqueológicos são observados na diversidade de armas, marca de fratura em ossos humanos, na gestualidade dos grafismos rupestres, aldeamentos destruídos, fortificações e paliçadas. Nos grafismos rupestres a temática voltada para a agressão pode ser vista na tradição Nordeste, através da gestualidade (posição do corpo e dos braços, objetos

segurados), além dos atributos culturais, tidos como marcadores de identidade étnica. Os conflitos na Pré-história ocorriam por diversas circunstâncias, embora não se possa afirmar apenas nos grafismos rupestres, etnografia e comportamento animal, estima-se que várias motivações resultariam em batalhas. Considerando os conceitos sobre a agressão, a pesquisa tem por objetivo a identificação dos padrões gráficos a partir presentes nos grafismos rupestres, e objetivos específicos à identificação dos elementos reconhecíveis (antropomorfos e objetos de uso), padrões de marcadores sociais e similaridades e diferenças.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia passou pelo levantamento documental, resultou na identificação de 10 sítios com cenas de agressão e violência. O levantamento bibliográfico, que não se limitou apenas a pinturas rupestres, pois ao considerar as pinturas rupestres como instrumento de comunicação dos grupos pré-históricos, se faz necessário uma bibliografia que abranja o conhecimento do universo biológico, cognitivo e social da espécie *Homo sapiens*. No levantamento imagético das pinturas rupestres da Serra da Capivara foi feita a partir do acervo pictórico da Fundação Museu do Homem Americano (Fumdhm), no qual 4 sítios foram selecionados por apresentarem cenas mais individuais de agressão, conforme as diretrizes seguidas na pesquisa. Durante a segregação dos painéis foram usadas as ferramentas de software do Photoshop CS5 para um melhoramento das imagens e seleção dos pixels que formam os elementos envolvidos na cena, nessa etapa foram selecionado três sítios para a análise das unidades gráficas. Após a seleção apenas dos elementos correspondentes a cena de agressão, foi feita a vetorização das imagens com ferramentas do Corel Draw X7. A análise dos painéis considerou três dimensões do fenômeno gráfico: temática, técnica e cenografia (Pessis, 1990).

Código	Sítio Identificado	Topônimo
0026	<i>Toca do Vento*</i>	<i>Serra Branca</i>
0027	<i>Toca do Caboclo</i>	<i>Serra Branca</i>
072	<i>Toca do Caldeirão dos Rodrigues I</i>	<i>Serra Talhada</i>

Tabela 1: Sítios com cenas de violência e agressão; segregados para essa pesquisa.

RESULTADOS

As possibilidades, nas análises de registros rupestres, de chegar a grupos autores são bastante escassas, por dificuldades de correlações com outros elementos da cultura material e principalmente por carência de cronologias associativas. No entanto, as verificações qualitativas e quantitativas revelam o perfil das cenas de violência humana - e os padrões gráficos de apresentação podem ser as escolhas de especificidades que vem a sugerir o pertencimento a uma autoria cultural.

Diante dos critérios levados em consideração nesta pesquisa, no que se refere à busca de padrões das cenas de violência.

Entre os sítios, estudados, todos possuem áreas com grandes dimensões, e no que concernem as manchas gráficas, a maioria possui uma densa concentração de grafismos, predominantemente do Estilo Serra da Capivara.

As cenas de violência foram realizadas preferencialmente nas partes planas do suporte, apresentando leve irregularidade e inclinação. A altura regular das cenas em relação ao solo varia de 70cm a 1,50m em média, não ocorrendo grandes dificuldades para alcançá-las.

As cenas analisadas são agenciadas com traços, que provavelmente carregam expressões do conteúdo simbólico e de comunicação, sendo encontrados padrões e particularidades nas características gráficas que fazem parte de um universo de apresentação própria da temática de violência.

Na apresentação das cenas são observados deslocamentos no uso do espaço no suporte rochoso. São lançadas sobre o plano de superfície, sendo compreendidas características na utilização dos espaços e no plano de distribuição dos antropomorfos.

Na busca de correlações entre as figuras, optou-se por observar os antropomorfos de forma isolada. Os detalhes de cada figura se transformam em unidade gráfica de expressão; destacando-se o dinamismo e descrições das figuras nas cenas.

Nas características anatômicas dos antropomorfos as cabeças são preferencialmente arredondadas. Os troncos têm uma estrutura relativamente retangular, achatada e alguns quase arredondados. Apenas no sítio Toca do vento o corpo é ornado com motivos geométricos.

A disposição dos antropomorfos variam em estar na posição frontal ou de perfil. Formando um conjunto de posturas variadas em que a parte superior se coloca de frente e a parte inferior de perfil. As figuras de perfil se colocam para o lado direito ou esquerdo. Os troncos e os membros destacam-se de frente e de perfil. Aparecendo os braços abertos de frente e as pernas abertas de perfil.

Os movimentos são valorizados e indicados por uma leve inclinação do eixo de simetria do corpo, colocados à extensão ou à flexão das extremidades dos membros, para sustentação dos objetos.

Tratando-se dos atributos pessoais, eles servem como marcadores sociais. Nas cenas analisadas, se mantém alguns padrões e apresentam-se elementos particulares específicos de algumas cenas como cocares.

Os objetos de mão são representados entre diferentes tipos, apontando especializações e escolhas dos grupos, com preferências destacadas nas cenas. Foram identificados três tipos morfológicos. Nas representações das cenas aparecem preferências de objetos de mão que apresentam-se já em oposição ao corpo do indivíduo.

Dentro da estrutura anatômica é atingido, preferencialmente, o tronco e a cabeça dos indivíduos.

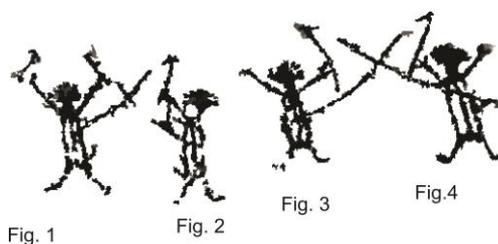


Figura 1: Sítio Toca do Vento. Segregação da cena, vetorização das imagens.

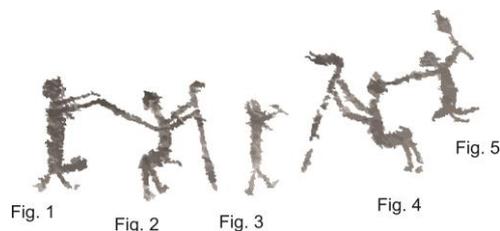


Figura 2: Toca do Caldeirão dos Rodrigues I, Segregação da cena, vetorização das imagens.

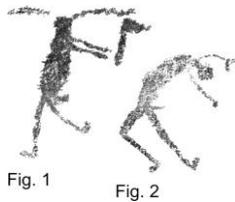


Figura3: Sítio Toca do Caboclo. Segregação da cena, vetorização das imagens.

DISCUSSÃO

A cultura, no interior de um grupo, possui padrões de comportamentos, gestos e traços culturais próprios, assim acontece no registro rupestre. O autor do registro revela a expressão cultural do grupo, sendo realizados a partir das experiências e padrões de comportamentos (Luciano, 2012).

Tratando-se do comportamento da violência individual, não é possível afirmar que tenha sido uma realidade entre os grupos que habitaram a Serra da Capivara na pré-história. Para isso são necessários outros indicadores materiais que possibilitem levantar hipóteses para sua verificação, que comprovem cientificamente a ocorrência de mudanças nos aspectos ambientais e processos de adaptação e coabitação de diferentes grupos na área pesquisada e que resultaram em situações de tensão social.

Provavelmente as representações temáticas de violência são consequências das relações dos autores com outros grupos, singularizando atributos gráficos específicos que demandam novos recursos de apresentação.

Foram verificados nas cenas segregadas diferentes estilos gráficos e morfologias de armas. Para Vidal (2000) um mesmo grupo pode realizar diferentes estilos, reservados a um contexto particular, e dessemelhantes representações gráficas necessariamente não significam distintos grupos culturais. No entanto, os padrões podem pertencer a um grupo, refletindo a predileção de escolhas de apresentação.

CONCLUSÕES

As análises das cenas de violência vêm a contribuir para o isolamento de elementos significantes cenográficos no plano ideativo de um grupo. A importância de segregar esses elementos traduz-se na contribuição para o afinamento das características particulares dos grafismos rupestres da área Arqueológica Serra da Capivara.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos funcionários e professores do departamento de Arqueologia, em especial a minha orientadora Daniela Cisneiros, pelo exemplo de pesquisadora, apoio, paciência e estímulo durante toda a pesquisa. E aos amigos que fiz no curso.

REFERÊNCIAS

- CLASTRES, P. *Arqueologia da Violência*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- FERNANDES, F. *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*. São Paulo: Editora Globo, 2006.
- LORENZ, K. *A Agressão: uma história natural do mal*. Lisboa: Editora Moraes, 1974.
- MOSER, G.. *A agressão*. São Paulo: Editora Ática, 1991
- PESSIS, A. 1990. *Métodos de interpretação da arte rupestre: Análise por níveis*. Revista CLIO – Série Arqueológica, Recife, n. 6, p. 99-107.
- SILVA, L. Padrões de apresentação das cenas coletivas de violência humana nas pinturas rupestres pré-históricas da área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Dissertação de mestrado. Programa de Arqueologia da UFPE. 2012.